

***THE WAY I UNDERSTAND IT ...
OU
TRYING TP FIND A PLACE TO PRAY IN
PEACE***

Jean Morisset

RESUMO: Dans ce texte, l'auteur analyse certaines questions au sujet de l'espace, de la parole et de la langue du sujet individuel et collectif en les reliant à celles qui se posent dans le contexte du territoire d'Akwesasne, en Amérique du Nord. La destruction des fondements de la communauté touchent à la carte mentale qui fut dessinée par le capitalisme. Le travail de mémoire, donnant accès à l'esprit et aux légendes, peut peut-être nous aider à nous souvenir de cette géographie perdue.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade, território, memória, mapa, encontro, línguas.

Você me pede para traçar meu mapa mental? Para colocar toda minha geografia nesta única folha em branco? Assim?!... Em cinco minutos.

Jean Morisset é professor no Departamento de Geografia da UQAM (Universidade do Quebec em Montreal).

Tradução de Andréia Gregório, aluna do curso de Bacharelado em Letras, UFRGS; revisão de Michel Peterson Transcrição/reconstituição de um texto feito em Akwesasne e extraído do Caderno intitulado "Pour le retour de la Danse-Soleil". Rivière Mastigouche, 15-16 de junho /9-10 de setembro de 1996.

Sem nenhuma palavra mais. He, he, he, diz ele, contendo um lampejo fugaz e tentando dar uma bombeada no seu cachimbo quase apagado.

Você me pede para ajudá-la a montar o mapa dessa reserva imposta pelos brancos e entravada por sete níveis de governos que nos controlam para nosso próprio bem¹. Ah!

Well, come on in. It's pouring rain. Let's have a cup of coffe, encadeia imediatamente com uma voz doce e convidativa contrastando com o tom sério de sua entrada em cena. Com um pequeno esboço de sorriso nos lábios, mas com calorosos e radiantes olhos castanhos, uma tez bronzeada de onde emanam um brilho apagado e uma calma que, pode-se ver por algumas cicatrizes, nem sempre foi tão presente.

*

O.K. You're asking me to? ...

Well, a maneira como vejo as coisas...

Bom! Se você olhar de cima, verá uma tartaruga gigantesca. *"Atlantis", they say. Turtle America, I say! Turtle America.*

The way I understand it? ...

Let me begin, if you want, by sweeping away the wings of the mind. Let me begin by stepping beyond the eagle's broadest flight. Instructions were passed on from spirit beams. Grandes feixes iluminavam a humanidade, *And we also are - we, the two-footed human begins -beams of choice and that choice decides as well how we're gonna evolve.* Somos seres que foram apanhados por ...como dizer? Seres que foram levados pelos raios do espírito. E foi tudo isso que levou a uma evolução, a nossa, que poderia ter sido bastante diferente, com certeza.

Alguns até mesmo pretendem que existe um ser universal. Um deus único! É o meu caso, as vezes! No entanto sei que cada indivíduo carrega consigo seu próprio universo nesse próprio movimento do ciclo da vida, que continua a se expressar através de todos, Se há portanto algo como um ser supremo, é o ciclo da vida que o constitui. É por isso que existem tantas espécies de árvores, tantos animais diferentes, etc, É por isso que existe essa coisa qualquer que chamam «vida» e que todos contribuem para estabelecer...*Obvious stuff, isn't it?*

¹As administrações do Estado de Nova Iorque, do Quebec e de Ontário às quais se somam as dos governos centrais, em Washington e Ottawa. Perfazem cinco, não é, faltam então dois: ou seja a Assembléia das Nações Primeiras no Canadá e o Movimento Indígena Americano ou o Conselho Tribal da América, nos Estados Unidos. E tudo isso subdivido e rachado em todas as ramificações e lutas de poder que se possa imaginar.

- «Uhm! Você diz que ...
- «I say ...Quanto de açúcar no seu café? *You take milk as well?*
- Oh! Obrigada. Excelente.
- »*Please make yourself a home and don't mind the mess, we're*

just about to move to a new location in a fortnight or so. We were in florida for a time and they had built part of the suburb on a former cemetery. Can you imagine! O espírito dos mortos tentando falar com a memória dos vivos através do asfalto, do pré-moldado e toda a porcaria urbana. *We lost the feeling of wanting to be there. So we came back.*»

*

Dou uma olhada furtiva em torno de nós. Como é tão freqüente nas “res”², tenho a impressão de estar, mais uma vez, em um trailer permanentemente parado, há muito, nesse canto de terreno anônimo. Salvo que essa casa é dupla, duplamente móvel e, portanto, duplamente permanente. Do lado de fora, grandes placas de madeira talhadas em forma de pássaros ou outros animais clânicos foram colocados sobre os tabiques para instigar turistas e outros interessados a averiguar. «Oh!Oh! Você viu? Olhe, lá tem uma casa de artista, com certeza. Todo artista é um convite, ei! Vamos lá?» Dentro, nas paredes, cantinhos, piso e por todo lado, nem um único centímetro sem algum tipo de decoração O forro é o único que permanece com sua própria função. Tenho a íntima convicção que um Manito invisível plana em algum lugar.

Com exceção de uma seção de «*coffè table books*» reservado a arte e as paisagens, poucos livros sobre as prateleiras, entretanto há bibelôs que não acabam mais. Paisagens do Southwest, evidentemente -mesas e cânions do Arizona, mesas de calcário vermelho da América do Norte do período cretáceo e esse odor espiritual que flutua sobre a geografia do Southwest como um perfume em levitação. Mas porque então os Apalaches e a orla atlântica parecem tão pouco evocadores para a teogonia autóctone? Seria porque o Deus dos Wasps teria comido há muito toda a geografia disponível?

Perguntas sem resposta. Meu olhar já desviou para o resto da decoração, indo dos feixes de feno perfumados aos ramos de tabaco e o incrível bricabraque organizado que molda essa casa-estúdio. Uma seção para a coleção de motos, uma outra para os deuses pré-colombianos plastificados, uma seção para as cassetes e CD's uma outra ainda para

²Se se diz «réserves» no «Canadá», em Inglês ou em Francês, é a palavra «réservation», com sua abreviação «res» que é de usagem corrente, entre os ianques.

ossos trabalhados, um lugar impreciso para os cachimbos, etc. E adiante, broquéis realçados, couros gravados, esboços de máscaras, papéis machê esperando um personagem que encarnarão, e que mais? Sobre a armação das cortinas, uma imensa águia empalhada vela sobre a conversa. Eu deixo o divã e pego uma cadeira de assento basteado onde me sento ao contrário para estar mais perto da conversa.

*

*We see birds flying around all the time, but what if I do fly. If I had come to you flying around, what would you say? I also am a twin, you know. How do you think my twinness is gonna shape and inform my sharing with you, knowing that I'm not the only one talking to you when I am and seem alone with you. I know as well that I am a vibration amongst countless vibrations. And what are you... **What are you, you?** Quem é você? O que você quer? Em que você se torna frente as vibrações que transitam por meu ser para buscar sua adesão? *I found out I actually chose my parents when I was born, how about you?**

Vibrations and reactions. *That's all there is to it. Do you want me to throw that on a map?* Todo o universo se reduz ao encontro destes dois vastos conjuntos de força -vibrações e reações - que se conjugam, se chamam, se interpelam, se separam, se lançam ao chão, se reconciliam, dão cabeçadas ou conversam em eco. *That's all there is to it.*

There's meaning in every animal. There's a purpose in every flower. Or, the other way around. There's purpose in every animal. There's a meaning in every animal.

Healing properties. Poison properties. Cabe a cada um de escolher sua parte. Se você olha uma flor sem nenhum espírito de segregação... se você se dirige à uma planta como a um ser igual a você, a intenção dele se revelará para a sua atenção. Ao escutar o que tenta revelar a força de um olhar, se produz pouco a pouco uma oxigenação do espírito. Essa respiração da alma emitindo essa mensagem que, há muito, esperava poder ser transmitida! Como um pensamento a espera das palavras que virão revelá-lo. Palavras-cores, palavras-música na pauta invisível da transmissão. Eu sou um artista-pintor e está claro que nenhuma palavra existe sem sua cor assim como nenhuma cor é desprovida de sentido. E nenhum deus pode falar sem cantar... cantar seu silêncio e lançar suas cores no firmamento. É por isso que os Sábios e os Xamãs sempre endereçaram suas melopéias tanto aos astros, as plantas e aos pedregulhos quanto aos bípedes, aos quadrúpedes e a todos os outros.

But we had to ajust, you know, and it has taken its toll. Its heavy toll. We're swimming in the middle of the melting pot. E se nós perdemos nossas línguas, nós os primeiros habitantes deste continente, nós também as conservamos em algum lugar. As palavras estão sempre presentes, em nós, esperando pacientemente que as pronunciemos um dia. Com um tambor, um pincel, uma pluma ou uma prece, pouco importa, mas elas esperam.

Há algo que vim a compreender muito progressivamente. Desde que nos arrancaram de nossa terra, nosso combate sempre se resumiu a uma única instância: **tentar encontrar um lugar para orar em paz**. *Since we were taken away our land, our only struggle has always consisted in a single fight: trying to find a place to pray in peace.*

“Trying to find a place to pray in peace”.

*

Essas palavras sagradas, quase carnavais, ficam suspensas no ar por alguns instantes. Como uma visão que persiste. Um visível-cheiro no crepúsculo. *Words-beings lingering on the fringes of dawn, being-words fading away beyond the horizon*. Palavras-seres, seres-palavras dançando em miragem nas margens do esfuminho.

Divididos entre o desejo de nada dizer e a necessidade quase sexual de acrescentar algo para salientar a transcendência de tal momento, nós instintivamente paramos, a nuca apoiada na penugem do ser. Um silêncio orlado escorrega lentamente ao longo da consciência. Um anjo passa, como teriam dito os antigos sacerdotes que freqüentavam os territórios autóctonos a procura de conversão, antes que a vergonha dos desejos animistas se apoderassem dessa fé prescrita por seus deuses para reduzi-lo a um silêncio carcomido.

Creio que foi nesse momento que uma primeira lágrima veio perlar sobre a face de Emmanuelle. Como fazer os acadêmicos e professores de gabinete que ficaram lá, na Velha Europa, compreenderem que a declaração que acabamos de ouvir vale, sozinha, por todas as teses e ultrapassa todas as travessias do Atlântico desde Cristóvão Colombo? Impossível. Outras lágrimas vem acrescentar ao testemunho. Revelação secreta de uma enorme evidência? Melodia de uma confiança retida na ponta do ser?

“Desde a Conquista, nosso único combate terá consistido em tentar encontrar um lugar para orar em paz”. Como transcrever tais palavras sem alterar sua graça? A graça de uma tarde chuvosa de *Mobile-Home América* entre o cassino e o bingo, a Maria Louca e o hambúrguer-pizza

three deck do Restaurante Bearn's Den, para Iroqueses, carreteiros, caminhoneiros e turistas desgarrados, enquanto que o pintor-motociclista retoma lentamente seu discurso e você olha uma etiqueta pregada em uma bugiganga *Why be civilized?*”

Foi preciso ajustar-se, repete ele olhando o infinito interior de seu pensamento, e isso durou mais que o devido. I Nos debatemos no meio desta América gloriosa que jamais aceitou ouvir nossos nomes verdadeiros, porque evidentemente ela não teria sabido o que fazer com eles.

Silêncio...

Longo silêncio...

KaroniaKeson / *The one who walks through Heaven.*

Esse é meu nome. *What's your name?*

Escuto falar “Aquele-que-caminha-atraves-do-céu” dando uma olhada em uma das obras atrás dele. Um círculo azul preenche a tela e, em segundo plano, um lobo evanescente de múltiplas dimensões se desdobra a partir de outra vertendo o firmamento, ou da lua, para magnificar mais e mais a medida que avança, até que atravessa o círculo pela magia de sua presença mística. Não é necessário precisar, Gesso é do clã do lobo. Do lobo azul evidentemente.

Mas quem caminha no céu e quem fala nesse exato momento, me pergunto secreta mente? Gesso ou seu lobo? Os dois, com certeza.

E, de fato, a qual clã exatamente, pertence então o *melting pot*? Não posso me impedir de ver de repente aparecer um grande lobo azul no meio da América do Norte. Uma pata dianteira em Nova Iorque a outra em Vancouver uma grande pata traseira em Frisco, a outra em Orlando; o focinho que fareja entre Iqalouite e Anchorage, e o rabo do câmbio livre que se agita entre Acapulco e Porto Rico.

Bom...

- “*Actually, that wolf, que pergunto, where is he up to? Could you tell me? And who is he?*”

- *This wolf? But, it is in you.*

- *Ah!”*

*

O.K. Let's go to work. Você me pede para desenhar meu mapa mental. Eu aceito. No problem. Continental drift, they say. O.K.

Once the continent-island broke out and proceeded to the sky wall, confusion, chaos and fear resulted. So, we're working with what we have now: the actual shape of the continent, but it is ever evolving, isn't it?

Evidence is the strongest design with which we are faced to work with and we stand at the very last point of this continent's formation. What the hell is this all about? Is this another story? Soon, we're gonna find out.

Logo nós vamos encontrar o sentido do enigma ao qual nos confrontamos? Ah sim!

Como traçar o mapa das realidades separadas; senão opostas, que nos atravessam, continua Gesso, e como transcrever os combates que se agitam sem necessariamente te prevenir no dédalo de teus rios? Como exprimir sobre uma tela o que com dificuldade vejo de mim mesmo através de minhas diferentes vidas. Sou um artista-pintor e me dei conta recentemente de que... até agora, todos meus quadros se situam exclusivamente na aurora ou no crepúsculo. Além da série dos lobos, na verdade, eu produzi um conjunto sobre as constelações. Meu universo gravita entre a Estrela-da-Manhã e Sirio (*dog star*). Quanto a todo o espaço consistido na passagem do dia - *the jour's journey* -, ele está ainda por vir.

Como interconectar tudo isso com esse território-reserva que se passou a chamar de Akwesasne?

Nosso território ancestral é grande, muito grande. Ele abraça o sul do Quebec e de Ontário e os estados do norte dos EUA seprplongando até o Wisconsin e Oklahoma e descendo em seguida para baixo das Carolinas. A reserva, ele mesma, não é nada mais senão esse pedaço delimitado de continente onde se reúne nossa grande família nesse momento preciso da história do universo. Lugar de encontro encarceração geográfica constituído de pedaços de tribos e de numerosas famílias autóctones desarmônicas que aí se encontraram sob a influência dos jesuítas. Eles próprios se haviam instalado aqui porque se tratava de um ponto de encontro pré-europeu, na junção dos rios Raquette, Grasse e St. Régis com o São Lourenço.

Ah, se pudéssemos imaginar esse verdadeiro paraíso que se estendia um dia nessas paragens, cairíamos de costas, completamente vencidos por tal profusão de beleza e de opulência terrestre e aquática!

Para se convencer, você tem apenas que voar um instante no dorso desta gaivota fazendo estourar, com a leveza do espírito, esses séculos de ocupação ianque. Então você verá surgir pouco a pouco uma maravilha: um emaranhado de ilhas e rios, de savanas e florestas, repletas de selvagíneos, cabritos e incontáveis espécies de pássaros; um domínio de altas ervas ribeirinhas, grandes e espessas, tão ricas que se pegaria alí as rãs-touro no forçado. Destruíu-se tudo isso pela glória da civilização. E hoje, a presença combinada sobre essas margens, da Reynolds, da Alcoa, da General Motors contribuiu para a formação de um dos depósitos mais

contaminados do continente. Missionários, políticos e administradores forçaram os Iroqueses a tornarem-se fazendeiros-criadores para satisfazerem a prescrições bíblicas quaisquer, e eis que um dia, sem que ninguém se comova realmente com isso, o gado começou a perder seus dentes em razão da poluição na forragem trazida pelos herdeiros destes mesmos administradores.

The weeds are growing and the plants will have to decide which seeds are the strongest to survive. As guerras não param de se propagar e a poluição mental de servir de adubo ao espírito -1 -e os homens deverão então decidir quais intenções ancestrais devem conservar se quiserem continuar usufruindo da terra e da geografia.

Se alguns autóctones tentaram obstinadamente, desde sempre, conservar algum ensinamento primeiro, alguma consigna anterior, matilhas de especialistas, vindos dos governos, das igrejas, das universidades e de todo lado, esforçam-se sempre em destruir seu espírito através de vários tipos de infiltrações, começando pela alimentação. Alimentação do corpo, alimentação do ser. Inserindo sua concepção bíblicas nas nossas próprias histórias da criação, sem que estejamos muito conscientes disso, eles trocaram simultaneamente nosso regime alimentar de maneira absoluta e quase irreversível. Assim, nos habituaram, discretamente, a nos adaptar ao junk food que nossos ancestrais teriam considerado como a pior das imondícias -Baloney sausages Pram, Swollen Pizzas, MacDonald's, etc. - e que constituem tantos dejetos tóxicos que estão nos destruindo. Nossos pré-colombianos não tinham sido programados para engolir todas essas imondícias que eles chamam de cachorro-quente, hambúrguer, etc. e que nossas crianças começam a ingurgitar antes do amanhecer, sem nem mesmo sombra de uma invocação. *We were not designed to do that. We are being destroyed by what was supposed to clean our body and make us grow.* Por vezes me pergunto se o junk food não é, ao longo do tempo, uma espécie de varíola consentida como a que, no século passado, vareu da Pradaria tribos inteiras. E não estou nem falando do booze. Trinta anos de trabalho sobre as altas estruturas e as pontes do conjunto da América do Norte desaparecem as vezes em trinta dias. Bang! Toda uma vida desmorona de repente porque a tensão acumulada no interior de um só peito não encontra sua saída artística ou espiritual e se deixa afogar no álcool, na droga e agora, nos cassinos. *Shit!*

E no entanto, apesar disso tudo, escute bem e você ouvirá os nomes autóctones ainda mostrando sua melodia. Aksasne! "Lá onde a perdiz pia" Saint-Régis? Lá onde...? Ninguém se faz essa pergunta irrelevante. St. Régis is a sound. Nothing else. Um som ao qual entretanto nós nos habituamos. *A sound carried about by the trade-winds of rexes, kings and*

christianities which have forced people to relinquish their faculty of thinking.

Mas é preciso não esquecer um elemento fundamental. Se aderirmos à nossas próprias história de criação, *we belong to something else*, nós viemos de alhures bem entendido. Nós não somos da terra. Como chegamos a esse lugar, como o povo do sílex chegou onde se encontra, é isso que você quer saber me pedindo para desenhar meu mapa mental?

*

Vou lhe contar uma história, ou melhor uma lenda, como dizem alguns: A lenda dos dançarinos e das sete estrelas.

Há tempos, muito tempo um grupo de Iroqueses partiu através do bosque à procura de terras de caça que conheciam muito bem mas que não utilizavam há muitas luas. Após dias e dias de caminhada, chegaram enfim a um magnífico lago onde grandes afloramentos de rochas cinzento-avermelhadas estavam encapuzadas de não menos magníficos povoamentos de pinheiros e árvores folhosas. Os peixes eram abundantes e perto de cada escarpamento onde se perfilava uma trilha desciam pacificamente cervos e cabritos para balir, beber e brincar. Nas colinas e clareiras, logo atrás, esquilos e *tchippe-monks* conversavam sem parar, enquanto que os ursos negros iam e vinham para comer ou se juntar as vezes para o chá da tarde.

«Nós instalaremos aqui nossas cabanas para a invernoagem, diz então o chefe do grupo. Que sejam benditos o Criador e o Santo Espírito que guiaram nossos passos até esse lugar precioso. Quiçá possam nos enviar muita carne de cervo, boa saúde e paz.»

Os dias avermelhados passaram rapidamente, a caça prosperou e todos estavam tão felizes que os jovens, um pouco entediados de tanta abundância, decidiram fazer uma festa especial, em um lugar secreto, e de dançar e cantar, cada vez que uma ocasião se apresentasse. Um dia quando haviam festejado a se saciar, veio a eles, coberto de plumas brancas, um homem muito velho nunca visto antes e aureado de uma cabeleira prateada mais branca que uma espuma branca. «Parem essas danças, resmungou ele com uma voz descortês contrastando estranhamente com sua beleza.» É claro que não levaram em conta esse tolhedor que retornou freqüentemente para adverti-los. Eles continuavam mais e mais suas celebrações e com tal vigor que a fome se fez sentir.

Quando voltaram ao acampamento, pediram comida a seus pais para a mais-que-grande-festa que tinham previsto para o dia seguinte e que deveria se seguir muito tarde noite a dentro. Estes recusaram unanimamente com a suficiência com a qual se revestem freqüentemente os velhos saturados. “Não, vocês vão desperdiçar tudo, além do mais podem comer o que quiserem no acampamento.”

De modo que no dia seguinte, quando se entregavam à sua não sei que dança no meio da noite, após horas e horas de esforço contínuo, seus estômagos e corpos se tornaram cada vez mais leves, mas eles continuavam com o mesmo

ardor. Suas cabeças leves pelo jejum e pelas reviravoltas, e sem que pudessem explicar nem compreender porque, eles de repente se deram conta que tinham começado a se elevar aos ares, levados pelo estranho rir branco-nuvem do velho aureolado. Uma das crianças diz então aos outros: «sobretudo não olhem para trás; alguma coisa estranha está nos acontecendo.»

Duas ou três comadres do acampamento, que espreitavam alguns mexericos sobre os envolvidos, viram suas crianças ganharem a pista de dança das auroras boreais e avisaram em seguida todos seus compadres. Chegaram com muitas comidas que na ponta dos pés estenderam para incitar as crianças a descer, mas foi trabalho perdido, eles continuavam cada vez mais sua levitação sem prestar a mínima atenção e nem mesmo virar para olhar seus pais chorosos. Logo eles se tornaram esse grupo de estrelas- Out te-Kwat- Tâhs- que os brancos conhecem mais pelo nome de Plêiades.

Os que se viraram, porque houve alguns que o fizeram, e que aliás ainda o fazem, se viram imediatamente transformados em estrelas cadentes. Todos, menos um, aquele que mais forte cantava ao se elevar e que, não podendo resistir as instruções, se pôs de repente à olhar para trás. Foi então que ele caiu, e, no lugar mesmo em que aterrizou, se pôs imediatamente a crescer pela primeira vez, a árvore conhecida pelo nome de bordo. Lembrando-se com alguma nostalgia de seu estado anterior, esse último começou a chorar em um dia de primavera e suas lágrimas por sua vez se transformaram. Vem daí a origem da seiva de bordo.

Porque precisavam retomar sua viagem rumo ao mundo das estrelas? É o que lhe deixo interpretar. Muitas estrelas cadentes continuam a rasgar o céu enviando-nos melodias que ouvimos claramente se nos damos o trabalho. Se entretanto, lhe contei essa história que se prolonga sempre e a qual se somam outros trechos que não tenho nem tempo nem autorização para lhe transmitir agora³ - quem sabe então onde nos encontraríamos -se lhe contei estes pequenos fragmentos de nossa história, é porque chegamos agora ao fim de uma viagem, assim como nessa lenda. *We are indeed, as I was trying to convey earlier, at the last point of that continental formation.* Uma grande modificação cuja natureza conheceremos em breve vai acontecer.

*

Quando penso nos problemas que encontramos sem descanso no tempo presente, me pego algumas vezes pensando que... Sim, é isso, me digo que teu universo é tão grande e tua cosmologia transborda de tal

³Se entendeu que estão aqui misturadas várias lendas. O que resta da tradição está furada em mais de um lugar e várias histórias autóctones circulam ainda hoje, fora de espera, nos altos estádios da mitologia atmosférica. Para reconstituir a narração de Gesso, consulte a obra de Ella Elizabeth Clarck, *Indian Legends of Canada*. Toronto, McClelland & Stewart Inc. [1960], 1991, p. 71-72.

maneira as barreiras do cotidiano nas quais querem te trancar, que te é difícil de reduzir tudo isso, tu o Nativo Americano» a um mero problema de reivindicações territoriais. Contudo, é esse o muro contra o qual se esforçam sempre em te apertar com uma violência tranqüila. Empenham-se em te reduzir constantemente a platitudo religiosa e política ambiente, e o que tu podes fazer? É justamente a falta de ligação com o espírito que está dizimando todos os vilarejos wasps que povoam a América do Norte. Sem espírito, sem vida. Os jovens ianques se encontram, sem saberem, órfãos de suas próprias vidas.

E então, a pergunta que nos fazemos, Iroqueses e outros, é muito simples. Estamos ou não dispostos a nos conferir um cartão de crédito territorial, com o *fax-mail* que se associa a isso e todo o resto? Em outras palavras, acreditamos sinceramente que o sistema de bem-estar governamental vai continuar indefinidamente a velar todos os monitores cardíacos criados para gerenciar a alma do Homem Vermelho? Agora que o cartão de crédito controla tudo -tua vida íntima, teu perfil de carreira, tua identidade, teus arroubos românticos, tuas pulsões musicais e tuas escapadas sexuais -trata-se de saber se reivindicamos terras a fim de encontrar um lugar propício a oração e ao exercício de nossa estética? Ou se ao contrário, não estamos querendo terras apenas com o propósito de nos tornar cada vez mais as cópias e réplicas daqueles contra quem negociamos? *Do I want to become or not a land-credit Indian ? This is the major issue facing us today.*

Uma coisa é certa. Nós não somos mais suficientemente numerosos para reocupar integralmente o território que foi nosso e, em consequência, há escolhas das quais não podemos nos esquivar. Porque então não nos determos em alguns pontos geográficos e não reivindicar exclusivamente certos chefes espirituais? Assim a energia criadora que daí emanaria iria aumentando, nos abraçando no seu crescimento até nos transportar ao cume da criação. É isso que tento representar através de minha pintura e minha música. O que posso tentar expressar, como artista, senão a beleza do universo? O que posso querer encontrar, como instigador de formas, senão as prescrições perdidas de um Criador fragmentado em mil migalhas sob as pressões do sistema?

O que precisamos estabelecer urgentemente, é uma maneira inédita de resituar nosso pensamento e nossa arte a fim de inventar uma linguagem que permita ao mesmo tempo combater a poluição e reencontrar o equilíbrio que brota da natureza. Tudo o que a técnica tentou fazer até o momento, foi forçar o olmeiro a produzir o xarope de bordo, pedindo ao bordo, ao lárax e ao pinheiro que se transformem em contraplacado. E então, o bordo e

todos seus irmãos, ao longo da cadeia biológica, se encontram em situação de completa opressão e acabam morrendo por causa disso. O espírito que produz a chuva ácida torna-se ele mesmo ácido. O que mais ele pode oferecer senão sua própria poluição a essa *isle-tartaruga* chamada América?

*

What is my purpose in life ? What else can I say? A fim de conseguir quebrar os limites que o homem se impôs vindo do outro lado da grande água de sal pregando seu deus no silêncio, sobre uma cruz que ele, por sua vez, quis nos plantar entre os omoplatas, será que ainda é possível encontrar as instruções que nos foram dadas um dia?

Além da conquista dos Peles Vermelha e da Terra-América realizada para o bem estar espiritual da humanidade, como nunca se parou de repetir, o Canadá e os EUA tem responsabilidades. Essas indústrias - Reynolds and the like -poluem, destróem e assassinam dia e noite enviando ao céu estranhos e belos clarões ao lado dos quais o saque de Roma por Nero não parece senão uma pálida paródia.

Escuto essas declarações, emitidas com a maior calma do mundo, sem o menor indício de agressividade, e eis que me surpreendo olhando, sobre o móvel-estante, uma pirâmide triangular servindo de aquário. Um peixe-gato persegue incansavelmente o mesmo manejo, girando verticalmente no sentido contrário das agulhas de um relógio.

Tomaria ele o sentido contrário se estivesse no hemisfério sul? Inofensivo e prisioneiro, será que se tornou a própria imagem da vida tanto em uma “reserva” quanto em um pátio de fábrica? Uma longa pausa se segue. « *I listen to some old guys, and I say to myself... the more you speak elderly sometime, the younger you look after a while* », diz de repente Gesso, que deve ter sentido meu espírito deixar sua arenga. Uma outra pose sobrevem e de repente vejo os “some old guys” virem libertar o peixe e esse último -mas que azar -se transformar tão logo em cliente do cassino. Há ainda algum trabalho no horizonte da sabedoria.

Eu tive um sonho, retoma Gesso. Um sonho e não uma visão que teria vindo pela sua própria autoridade para me contar seu destino. Ele continua a falar suavemente, os olhos se servindo da crista deste pedaço invisível, lá, entre nós dois. Sua fala se desenrola como uma paisagem saindo da neblina ou um velho lobo emergindo lentamente da água azul e bufando em tantas gotas de palavras. A gente diria que elas caem então sob a forma de poema, com seu ritmo, suas hachuras, suas suspenções e suas descobertas.

Foi um sonho que tive
Um sonho sem pé nem cabeça
cujo sentido me foge um pouco.

Talvez ele esperasse sem o dizer
que eu o encontrasse e contasse
antes de entrar por sua vez
no sentido da sua própria história?

Um velho feiticeiro estava lá.
Mas onde já o havia encontrado?
Não conseguia ver claramente.

Então fechei os olhos com firmeza.
Um grande caminhão vinha pela estrada,
havia três pessoas a bordo
que se expressavam em uma língua estrangeira.

Contudo, era eu que estava lá no meio.
Como eu podia compreender essas línguas?

Desci então para o interior de mim mesmo
entrando tranquilamente por meus olhos
e me instalando nesse novo lugar.

O caminhão ia para o Sul,
na realidade para o sudoeste, para o deserto;
algumas montanhas, ao longe,
já se perfilavam no horizonte.

Olhei em torno de mim
me virando no caminhão.
As ervas medicinais que
eu estava comendo,
as havia comido em algum lugar,
eu tinha certeza absoluta disso.

Tu tinhas mais ou menos quatorze anos
me contava meu sonho me informando —
que tu foste ao deserto
por uma primeira vez.

Eu queria tanto ir ao deserto
desde minha mais distante infância
acreditando que iria ali colocar meus pés
pela primeira vez na vida agora.

E eis que meu sonho me revelava
que eu já tinha estado lá em uma vida
que ia e vinha a seu bel prazer.

Uma vida que voava como um pássaro
de cada lado de mim, assim,
me ultrapassando ou se deixando ultrapassar.

Talvez seja por isso
meu sonho se tenha acordado
bem no meio do seu desenrolar.

*

Esse sonho que lhe conto
não tinha por único objetivo
me colocar face a face
com a impressão de já ter visto
o que procurava sem saber?

Essa impressão do já-vivido
que cai sobre nós as vezes
com uma tal força através do sonho
e que não se consegue mais explicar!

Porque já se conhece
o que se descobre as vezes
e sem poder explica-lo?

Porque se esquece freqüentemente,
mas não sempre, esses lugares
já percorridos em uma outra vida?

E de onde me vem essa obsessão
pelas motocicletas,
eu um iroquês da floresta?

*I have of all sorts of bar swithin me.
In 1990, I had a severe motorbike accident -
but I didn't pass away for some reason.*

*Maybe you don't consider death is a limit
But had I not been a bikist or a Native American
I would have had a better job for sure
but might have entirely missed out my art
You're not limited to one dice after all
and averyne is endowed with the power
of coming back, to be born again.*

*

Me veio então um outro sonho.
Estou no alto, nesta casa.
Uma magnífica colcha está estendida
a minha frente, ao lado do lavabo.

Lavo o rosto.
O sol já nasceu.
São sete da manhã
e saio para esticar os músculos.

Olha para fora e vejo esta cobertura navajo
recobrando o banco traseiro de uma velha moto,
quando de repente uma velha senhora
que nunca tinha visto antes
me chama pelo meu nome mohawk.
Me acordo no mesmo instante, perplexo.

*

Na noite seguinte
surge um outro sonho.
Estou na aviação
estudando para ser piloto
em algum lugar da Califórnia.

Eu construía aviões de papelão
quando era jovem, me lembro de repente.
Mas sou recusado na formação
Não basta ser um *Good-Indian*.

É então que me dou conta
de que estava nessa cidadezinha
por uma razão bem diferente.
Na realidade, procurava uma planta.

Passeava ao longo de um rio
entre os pedaços de asfalto quebrado.
Havia nessa velha estrada
pessoas que erravam aqui e acolá.

E de repente, essa minúscula plantinha
no meio desses grandes edifícios
que estavam erigindo.
Esse pequenino cactus mágico
que consegue apesar de tudo
conservar seu sorriso.

*

Quando me encontrei
em um leito de hospital
após o acidente de moto,
delirei muito tempo.

Os médicos me contaram
que temeram por minha vida.

Foi então que apareceu
nos vapores da anestesia
uma história de plantinha
e meu estado melhorou.

*No matter how much you destroy
life keeps continuing, somehow.
A little peyot keeps emerging*
Que felicidade saber disso!

Uma operação é como um nascimento. Quando se abrem as águas
e que tu emerges na existência, dir-se-ia que tua memória desaparece com
tua entrada no mundo e toda tua vida consiste em tentar reencontrar essa
geografia perdida. Quer seja pelo espírito, pelo sexo, pela palavra ou pela

arte. Esse espírito que mora nas plantas e nos animais, esperando pacientemente uma visita que talvez tu nunca faças e que talvez te teria salvo, se tu tivesse sabido. Jamais, entretanto, poderás censurar outro senão a ti próprio.

Considere os aborígenes da Austrália e suas linhas-melodias, *as song-lines* que percorrem sua geografia. O espírito arqueano deste continente está encarnado em pistas e ares correspondendo a melodias -tuas melodias -e se elas não te reconhecem, tu procurarás em vão teu caminho toda vida mas não o encontrarás. Tu vais errar sem destino sobre um território sem identidade a te propor, pois tua única força vem o universo e da linha geográfica... *But the focus is on intent rather than destiny. The way you think become mote important than what you think about.*

Eis por que tantos europeus partem a procura de suas raízes americanas através dos mundos novos. Eles perderam essa conexão pelos seus livros frequentando deuses cruéis, desprovidos de linguagem para falar à terra, e então, eles vem pedir a nós, depois de mais de cinco séculos, para lhes devolver o que se esforçaram para nos tirar.

I have tried to share with you something unrestricted to location and to the Iroquois mind, mantendo no espírito a visão e o desejo da 7ª geração, assim como quando se negocia por consenso. *So what can I say to sum up? The stuff I possess is a mirror of all my life and it keeps opening up the future.* Por todo lugar onde vou sobre esse território, a *isle*-continente está me seguindo tratando de se fazer compreender.

É quando tu viajas pela América do Norte que o espírito de teus ancestrais começa progressivamente a se fazer sentir e a te falar. Mas, é preciso ainda que possam se levantadas as cortinas de barulho e poluição que entravam toda comunicação. Porque, cedo ou tarde, os homens deverão decidir se querem perecer ou viver e tentar reencontrar então a velha linguagem anterior que permitiu um dia aos ancestrais se comunicarem livremente com a terra e a geografia. Linguagem-canto que se refugiou em algum lugar nesse espaço secreto que chamaram «homem-vermelho».

Sáímos. A chuva diminuiu sem parar completamente. Uma bruma espessa recobre os lugares se espalhando, por franjas, sobre os ombros da sombra. Qual teria sido a natureza dessa conversa-solilóquio, se o sol tivesse brilhado hoje como nos últimos dias? Não sei, mas alguma coisa mudou.

Sáímos leves e tão contentes, cheios de uma confiança inexprimível, o peito cheio e transbordante, dando uma última olhada na máscara amarela que tão fortemente chamou nossa atenção, na entrada, na garagem-estúdio, para servir de «abra-te sésamo» a esse encontro mágico. Sim, algo não é mais como era antes. O que exatamente? Não importa. Nunca mais falamos sobre isso.]